



FOTO: CICERO RODRIGUES

Na visão dos epicuristas, a felicidade só poderia ser atingida por meio de um entendimento profundo da natureza do universo

POESIA, FELICIDADE E FÍSICA

O primeiro livro de física foi escrito por um poeta em um jardim dedicado à amizade. Imagem surpreendente, não? Essa é provavelmente a origem de *Sobre a natureza das coisas*, do filósofo e poeta romano Tito Lucrecio Caro (c. 96-c. 55 a.C.).

Não se sabe muito sobre Lucrecio. São Jerônimo (c. 341-420) comentou que ele morreu enlouquecido, após tomar uma “poção do amor”. A existência de *Sobre a natureza das coisas* foi garantida por uma única cópia encontrada em 1417 em um mosteiro alemão.

Para um cientista deste século, ler Lucrecio é lutar contra a tentação de encontrar no texto antecipações da ciência moderna. Mas há lá, sem dúvida, questões fundamentais da contemporaneidade.

O eixo do livro é a teoria atômica na versão do filósofo grego Epicuro (341-270 a. C.): o universo seria composto por pequenas partículas em movimento perpétuo, desordenado, que poderiam se desviar de suas trajetórias sem motivo aparente – o que Lucrecio chamou *clinamen* e com base no qual inferiu não haver destino traçado para o ser humano. Conclui ainda que, como a transformação do universo não passava pela vontade dos deuses – que não se importavam com os assuntos terrestres –, o ser humano, então, tinha liberdade e – como justificaremos a seguir – deveria se libertar da angústia da morte.

Antes dos epicuristas, a natureza era essencialmente determinista: pertencia a uma ordem teleológica que não continha o aleatório nem como ação do ser, nem como expressão do ser, nem como constituinte fundamental de um sistema que pretendesse explicar o cosmo.


No entanto, a ciência moderna incorpora aspectos aleatórios na dinâmica intrínseca do universo – eis aí a atualidade do epicurismo. E, na visão dos epicuristas, a

felicidade só poderia ser atingida por meio de um entendimento profundo da natureza do universo – o que eliminava o medo dos deuses e do que acontece depois da morte. Ou seja, a física como condição para a felicidade humana e o caminho para vencer a angústia da morte!

Lucrecio também discute: a infinitude do espaço – questão atualíssima. Ele prova que o universo é infinito pela impossibilidade de se conceber a existência de qualquer limite. Essa infinitude contém “[...] outras terras e várias raças de homens...”. A noção de que a Terra não detém a exclusividade da vida é também muito contemporânea – condenou à fogueira o teólogo italiano Giordano Bruno (1548-1600).

A teoria atômica foi praticamente ignorada até o século 17. Foi retomada, juntamente com o epicurismo, pelo filósofo e matemático francês Pierre Gassendi (1592-1655).

O estadista e escritor britânico Thomas More (1478-1535) criticou de forma implacável o humanismo cristão em *Utopia* (1516), livro em que habitantes de uma ilha imaginária estão convencidos de que a busca do prazer é a parte principal da felicidade humana – para Epicuro, o prazer deveria ser moderado. O presidente norte-americano Thomas Jefferson (1743-1826) declarava-se epicurista e tinha várias edições de Lucrecio – isso provavelmente explica a “busca da felicidade” na declaração de independência dos Estados Unidos.

No prefácio de uma tradução de Lucrecio em 1924, o físico de origem alemã Albert Einstein (1879-1955) escreveu: “Para qualquer um que não estiver submerso no espírito do nosso tempo, que se sinta como um espectador enquanto o mundo passa [...], o poema de Lucrecio exercerá sua mágica”. Puro epicurismo. 

JOÃO TORRES DE MELLO NETO
Instituto de Física,
Universidade Federal do Rio de Janeiro
joaodemelloneto@cienciahoje.org.br